

10

**O CREDENCIAMENTO DOS CURSOS DE
TEOLOGIA NO BRASIL PELO SISTEMA
MEC/INEP E SUAS CONSEQUÊNCIAS
PARA A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E A
IDENTIDADE DO TEÓLOGO**

**THE ACCREDITATION OF THEOLOGY
GRADUATION IN BRAZIL BY MEC/
INEP SYSTEM AND ITS CONSEQUENCE
BY THEOLOGICAL EDUCATION AND
THEOLOGIAN IDENTITY**

Antônio Maspoli de Araújo Gomes

Teólogo, psicólogo, doutor em Ciências Sociais e Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), pós-doutor em História das Ideias pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Laboratório de Psicologia Social Estudos de Religião do Instituto de Psicologia da USP e professor da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

E-mail: maspolipeixe@yahoo.com.br; maspoli@mackenzie.com.br

RESUMO

Este artigo versa sobre o credenciamento dos cursos de Teologia no Brasil pelo sistema MEC/Inep, em setembro de 2009, e suas consequências para a educação teológica e a identidade do teólogo no Brasil. Com certeza, inúmeras mudanças ocorreram e estão em andamento nesse campo. Este trabalho tem por objetivos explicitar as implicações dessas mudanças no campo da formação teológica para a construção da identidade profissional do teólogo, discutir o papel social do profissional da Teologia perante a sociedade e descrever o perfil do aluno de Teologia de um curso de graduação de uma universidade comunitária confessional no período compreendido entre janeiro de 2003 e dezembro de 2005.

PALAVRAS-CHAVE

Educação teológica; Identidade do teólogo; Perfil do aluno; Universidade confessional; Credenciamento da Teologia.

ABSTRACT

This article is about the accreditation of theology graduation in Brazil by MEC/Inep system in September 2009 and its consequence by theological education and theologian identity. Several changes occurred and are going in this field. This work aims to clarify the implications of these changes in the field of theological training for the construction of professional identity of the theologian; discuss the social role of the professional towards society and theology; and describe the profile of a student of theology course

for graduation from a university community faith in the period between January 2003 and December 2005.

KEYWORDS

Theological education; The identity of the Theologian; Student profile; University confessional; Accreditation of Theology.

1. INTRODUÇÃO

A Teologia e as Ciências da Religião têm, no Brasil, uma longa pré-história e uma curta história. Pode se afirmar que a Teologia chegou ao Brasil com os jesuítas, quando do descobrimento, em 1500. No entanto, em razão dos interesses eclesiais envolvidos e, especialmente, em virtude da Inquisição, a Teologia levou quase quinhentos anos para adentrar e encontrar o seu lugar na academia brasileira. As igrejas cristãs, católicas e protestantes, não mostraram interesse pelo reconhecimento oficial da Teologia e das Ciências da Religião. Mas o sonho pela chancela oficial desses cursos, pelos clérigos dessas igrejas, data de muito longe.

Em 1928, Thomas Porter elaborou um documento com proposta para a formação dos pastores presbiterianos, quando destaca a necessidade de buscar o reconhecimento oficial dos títulos oferecidos no Brasil, à semelhança do que ocorre nos seminários norte-americanos.

No mesmo documento, o autor Thomas Porter (2001, p. 143) registra a falta de credibilidade dos títulos acadêmicos obtidos em escolas estrangeiras, sem o devido reconhecimento oficial no país de origem e sem o reconhecimento do governo brasileiro, perante a comunidade protestante:

A crítica, pois, que se ouve no Brasil quanto a titulares menos doutos não pode lesar a seriedade de qualquer seminário católico ou evangélico. Os títulos que provocam sorrisos não vêm de seminários para ministros, mas de Colleges na América que têm o direito, concedido pelo governo, de conferir graus e que recebem informes, às vezes grandes, a respeito de conhecimentos

que, na verdade, não sejam tão grandes, quero dizer testemunhos a respeito dos gabados conhecimentos de pessoas que residem na sede do ginásio, talvez no estrangeiro.

No Brasil, as igrejas cristãs adotaram um modelo próprio para a formação dos seus quadros em seminários e institutos teológicos longe do reconhecimento oficial. Esse modelo adotado resultou numa formação teológica endógena, voltada para a reprodução de conhecimentos, no mais das vezes, importado, de caráter etnocêntrico, para atender os interesses da Igreja e não aqueles interesses da sociedade voltados para a formação de uma identidade teológica com perfil adequado às necessidades das comunidades locais. Somente a partir da década de 1960, com o surgimento da Teologia da Libertação, esse círculo vicioso foi quebrado, e a teologia latino-americana voltou-se para a produção de um conhecimento teológico autóctone:

Resultou que Igrejas Cristãs, de modo geral, desenvolveram o estudo acadêmico da teologia predominantemente voltado para a habilitação de seus presbíteros e pastores. Organizaram os currículos segundo suas conveniências, o que, aliás, levou as tradições substancialmente diferentes quanto a requisitos acadêmicos para a habilitação de seus/suas teólogos/as. Veremos isto mais adiante em análises específicas. O Vaticano desenvolveu para a Igreja Católica uma habilitação pontifícia como exigências de alto nível acadêmico, conferindo bacharelado, mestrado e doutorado em teologia (BARTOLI, 1996, p. 21).

A universidade também não se interessou pelo reconhecimento governamental do ensino teológico e nem das Ciências da Religião. Somente nos últimos trinta anos, a Teologia e as Ciências da Religião conseguiram ultrapassar esse estigma para adentrar à academia brasileira. Mendonça (2003, p. 3) observa que a Teologia e as Ciências da Religião têm pouco mais de trinta anos na universidade brasileira:

Entre nós, essa Área de Conhecimento passou a sistematizar-se há pouco mais de trinta anos, e creio que não se erra muito assinalando como marcos iniciais a criação por Douglas

Teixeira Monteiro, no antigo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, do Centro de Estudos da Religião – CER, que hoje leva seu nome, e o reconhecimento acadêmico dos cursos de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião por parte da CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Desde o início, e até hoje, a CAPES não cogitou, enquanto Instituição, de promover a separação das Áreas de Conhecimento relativas à Teologia e Ciências da Religião para fins de avaliação, colocando ambas sob a rubrica geral de Teologia sob o guarda-chuva maior da Filosofia.

Observa-se, todavia, que a entrada da Teologia e das Ciências da Religião na universidade seguiu um longo processo de amadurecimento dessa área e o reconhecimento da sua relevância científica pela comunidade acadêmica até o credenciamento definitivo de alguns programas de pós-graduação *stricto sensu* pelo sistema da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A partir de meados dos anos setenta do século passado, foram surgindo os primeiros cursos de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião em universidades confessionais. Foram dois em Ciências da Religião e os demais em Teologia. Os que entraram no sistema de avaliação da CAPES foram o de Teologia da PUC-RJ e os de Ciências da Religião da PUC-SP e da UMESP. Por serem poucos, ou por razões de outra ordem, como a tradição de parentesco entre Teologia e Filosofia, esses cursos entraram para o rol da Comissão de Filosofia. Em princípios dos anos noventa, entrou para o sistema o curso de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, em São Leopoldo-RS, assim como o da Universidade Federal de Juiz de Fora com o título de Curso de Pós-Graduação em Ciência da Religião (no singular). Portanto, nesse momento, estavam no sistema de avaliação dois cursos de Teologia e três de Ciência(s) da Religião. Atualmente, existem cinco com a criação de mais dois cursos: o da Universidade Católica de Goiânia, já funcionando há alguns anos, e o da Universidade Presbiteriana Mackenzie, iniciado em agosto de 2002 (MENDONÇA, 2002, p. 2).

Os teólogos que buscavam introduzir a Teologia na universidade partiram do pressuposto de que a teologia acadêmica é um assunto privado, secular mesmo, distinto da eclesiástica que vive sob o domínio da Igreja. Já em 1996, um grupo de teólogos e cientistas da religião, liderados por Márcio Fabris dos Anjos, escreveu um livro intitulado *Teologia: profissão*, no qual esse desejo pelo credenciamento governamental ficava cada vez mais objetivado:

Uma forma específica do reconhecimento civil diz respeito ao reconhecimento acadêmico da teologia como ciência. Este é um tema que paga primeiramente um pesado tributo à separação entre Igreja e Estado e à privatização da religião que se procurou instaurar com a modernidade (BARTOLI, 1996, p. 21).

O credenciamento dos cursos de graduação em Teologia finalmente aconteceu por meio dos pareceres nº 241/1999 e 063/2009 do Conselho Nacional de Educação, que definiram condições para a autorização e o reconhecimento de cursos de bacharelado em Teologia, referindo-se ainda a cursos de pós-graduação *stricto e lato sensu* na área.

Todavia, os panos desse cenário começam a se levantar, e outro com novas cores e paisagens vai se mostrando. O Parecer nº 063, de 19 de fevereiro de 2004, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES), completando decisões anteriores das autoridades educacionais, regulamentou o reconhecimento de cursos de Teologia e a validação de créditos cursados em seminários maiores, assim como a pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião. Quais serão as consequências diretas e indiretas nesse novo cenário? (MENDONÇA, 2002, p. 9-10).

Este trabalho tem por objetivos explicitar as implicações dessas mudanças no campo da formação teológica para a construção da identidade profissional do teólogo, discutir o papel social do profissional da Teologia perante a sociedade e descrever o perfil do aluno de Teologia de um curso de graduação de uma universidade comunitária confessional no período compreendido entre janeiro de 2003 e dezembro de 2005.

2. A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO TEÓLOGO, UM ROSTO EM CONSTRUÇÃO

Nesse contexto de transformações, o teólogo também não dispõe de meios para controlar e determinar a produção da sua identidade profissional. Ele não é apenas sujeito desse processo, é também objeto na medida em que a sociedade é sujeito e objeto do seu fazer teológico. Existem três teologias em movimento: do teólogo, do púlpito e do povo. Essas três correspondem à imagem de três paralelas que se identificam no infinito. Daí a ambiguidade da identidade do teólogo. Enquanto o teólogo faz teologia para um determinado grupo social, este lhe concede o papel de fazedor da teologia, sua identidade profissional:

Ação e meio de ação sintetizadas e eternizadas, a criação se liberta do criador, o machado que eu fiz, ao mesmo tempo em que imortaliza meu gesto, recria o gesto do outro à minha imagem e semelhança, o machado representa ao Homem individual a História da Humanidade, conforma e insere o indivíduo à sua própria espécie; ao contrário, o instrumento viabiliza a intervenção do Homem em toda sua História, pela via da atividade, o machado aperfeiçoado pelo meu sucessor transforma o homem individual em ser genérico, a evolução do seu gesto traz em si a revolução da humanidade. Através do instrumento de trabalho, o homem transforma a história dos homens e é transformado por ela (MENDONÇA, 2002, p. 53).

No Brasil a identidade profissional do teólogo está relacionada à práxis pastoral inerente à vocação religiosa. Essa identificação decorre do próprio modelo de formação teológica adotado até 1999 para formação do teólogo: os seminários confessionais denominacionais.

Esses seminários recebem tradicionalmente aqueles alunos que são considerados vocacionados para o ministério pastoral pelos concílios de suas denominações. Essa identificação traz em si mesmo uma virtude e um problema. A virtude reside no fato de que a Igreja ainda é o maior palco de atuação

profissional do teólogo. E até bem pouco tempo não havia teólogos suficientes nas universidades e nos colégios para criar uma representação profissional adequada para projetar a identidade profissional dessa categoria fora do ambiente religioso.

Afora os esforços de clérigos liberais católicos que ainda durante o período colonial criaram seminários iluministas que puseram em circulação na cultura brasileira ideias filosóficas e políticas consonantes com o que se passava na Europa, inclusive em Portugal, os seminários nunca ultrapassaram os limites da formação técnico-profissional de seu corpo funcional. Assim, até o momento específico mencionado no início destas linhas, a Teologia, no seu sentido mais amplo, permaneceu abstrata e distanciada da realidade histórica. Restrita à sua função clerical, não era uma profissão, um campo de atividade humana socialmente reconhecido (MENDONÇA, 2002, p. 8-9).

Já a contradição decorre do fato de que tanto na Europa, berço da Teologia, quanto nos Estados Unidos, desde o século XIX, a Teologia não se encontra necessariamente vinculada à vocação religiosa. O ministério pastoral é apenas uma das áreas de atuação do profissional da Teologia. Nesses continentes, a própria atividade pastoral é considerada, desde há muito, uma profissão.

A vocação religiosa no Brasil foi calcada no ideário da tradição cristã de vocação espiritual, e pertence a Deus e ao seu povo a Igreja. Como consta em Hebreus (5:4): “Ninguém toma para si esta honra, senão quando chamado por Deus como aconteceu com Arão”. Registra-se também que a sociedade brasileira não considera a atividade pastoral como profissão. Ainda não existe no Brasil a categoria da profissão pastor. Em 1990, uma Igreja Presbiteriana do município do Rio de Janeiro resolveu registrar o pastor como empregado da Igreja. Não havia categoria profissional para enquadrá-lo profissionalmente, e, por fim, ele foi enquadrado na categoria profissional dos cowboys e afins (GOMES, 2007, p. 27).

Até o reconhecimento dos cursos de graduação e pós-graduação em Teologia, o exercício da profissão do teólogo encontra-se identificada com a vocação pastoral, posto que a Igreja é seu nicho de trabalho preferencial. Isto é, a práxis teológica encontra-se identificada com a práxis pastoral. Na clas-

sificação acadêmica, Teologia prática e Teologia pastoral são sinônimas. Sob o prisma dessa tradição cristã, torna-se difícil considerar a Teologia como profissão. Identificada com a vocação pastoral resta à Teologia contentar-se, quando muito, em se considerar uma arte.

Com base nessa premissa, parece que será muito difícil compreender o ministério pastoral como profissão. Na cultura brasileira, a atividade pastoral confunde-se com a vocação religiosa. O protestantismo, a partir de Lutero (1995), passou a considerar todo o trabalho realizado para a glória de Deus como vocação divina. No Brasil, contudo, vocação divina é a vocação pastoral, que não se confunde com trabalho secular. A profissionalização da Teologia certamente deverá resolver a tensão entre vocação secular (profissão) e vocação divina (ministério pastoral). Esse é um problema que cabe à Igreja e à sociedade resolver.

Assim, a nova situação, no conjunto, abrirá campo para uma reflexão teológica livre e criativa, e que, ao mesmo tempo, leve em conta a situação peculiar em que nossas igrejas vivem. O sistema duplo de dependência, interna por causa das restrições denominacionais e externa em virtude da importação de ideias produzidas em centros estranhos à nossa realidade, será gradativamente superado (MENDONÇA, 2007, p. 10).

O reconhecimento oficial dos cursos superiores de Teologia, bem como a contratação de teólogos e cientistas da religião por inúmeras universidades brasileiras para atuar nas áreas de ciências humanas e sociais, onde se situam o curso de Teologia e Ciências da Religião, bem como em escolas de ensino fundamental e médio, tende a mudar esse quadro. Pouco a pouco, a sociedade passa a compreender que a atuação e o papel social que cabem ao teólogo pertencem à sociedade como um todo. Compreende mais que a Teologia encontra-se na interface das ciências humanas e sociais.

O empirismo e o método que permitiu à teologia afastar-se da metafísica e da abstração deram aos teólogos latino-americanos, por exemplo, a oportunidade de adentrar criticamente no universo de outras ciências, como a História, a Economia e a Política. Teólogos já conhecidos por suas obras e alguns deles inseridos na vida universitária, por meio de cursos

de pós-graduação, levaram o órgão máximo de avaliação da produção acadêmica brasileira a colocar em destaque, dentro da área de ciências humanas, a fertilidade quantitativa e qualitativa do que se escrevia em um campo intelectual até então pouco levado em consideração. Isso aconteceu em uma reunião da Capes, em um dos primeiros anos da década de 1990 (MENDONÇA, 2007, p. 7).

Afirma-se com isso que no Brasil a identidade do teólogo, bem como a profissão do teólogo, encontra-se em processo de construção social. A representação social do teólogo perante a sociedade dependerá, sem dúvida, da qualidade do fazer teológico e da sua postura ética e profissional. À semelhança de outras profissões importantes, o teólogo não busca participar das corporações de ofício que estão surgindo somente com o objetivo de legitimar a sua prática profissional. Não deve favorecer em sua procura aqueles privilégios naturais que são inerentes à prática profissional. Primordialmente o teólogo oferecerá sua competência para, com a sociedade, construir um código de ética que estabeleça os limites de seu *status* e de seus privilégios e de suas responsabilidades diante da sua maior ferramenta de trabalho: Deus e a pessoa humana no contexto histórico da revelação natural e especial.

A Teologia caminha rapidamente para o processo de profissionalização. Tanto no *Dicionário das profissões* (1983) quanto no *Guia do estudante* (2006), duas publicações de circulação nacional, a Teologia vem sendo tratada como profissão há mais de vinte anos. Já existe inclusive a classificação da profissão do teólogo no Ministério da Educação e Cultura. E mais recentemente esse processo de profissionalização acentuou-se com a criação de órgãos representativos da categoria profissional de teólogo e cientista da religião. Entre estes, destacam-se a Associação Nacional dos Professores de Teologia e Ciências da Religião (Anptecre), a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), a Casa do Teólogo do Brasil, o Conselho dos Teólogos do Brasil (Coteb) e o Fórum Permanente de Teologia e Ciências da Religião.

Encontra-se protocolada na Casa Civil da Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos, sob a sigla SAJ nº 2526/2003, a solicitação de uma entidade autodenominada Conselho de Teólogos do Brasil para que se aprove a

lei que regulamenta a profissão. Nesse documento, a Teologia não só é tratada como profissão, como o requerente solicitou a criação do Conselho Federal de Teologia e dos conselhos regionais. Vejamos qual o teor do anteprojeto de lei encaminhado à Casa Civil pelo Coteb, autodenominado Conselho Federal de Teologia:

Trata-se de proposta formulada pelo Conselho de Teólogos do Brasil que implica no restabelecimento dos interesses da categoria profissional de Teólogos e faz referência à Lei 3860 de 09 de julho de 2001, que teria servido de base jurídica para a criação dos Conselhos Federais e Regionais de Teologia. De fato, necessário explicitar que a lei que instituiu os Conselhos Federais e regionais de Teologia e regulamentou seu funcionamento é datada de 09 de julho de 2001 (CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2003, p. 1-2).

Embora este prócer da Casa Civil considere a referida lei aprovada “Anteprojeto de Lei, que ainda carece de aprovação pelo Congresso Nacional”, esse anteprojeto foi encaminhado à Casa Civil onde recebeu o número 3.860 de 9 de julho de 2001, pleiteando a regulamentação dessa profissão:

LEI Nº. 3.860 DE 09 DE JULHO DE 2001, QUE CRIA OS CONSELHOS FEDERAIS E REGIONAIS DE TEOLOGIA, REGULA O SEU FUNCIONAMENTO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Capítulo I

Art. 1º Ficam criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Teologia com a finalidade de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Teologia definida na lei 3.860 de 09 de Julho de 2001. Esta entidade tem denominação social de: CONSELHO FEDERAL DE TEÓLOGOS DO BRASIL, E SUA SIGLA é o COTEB, como entidade civil de direito privado, como pessoa jurídica e distinta de seus associados ou filiados; terá âmbito nacional, como Sede e Foro no Centro, Estado do Rio de Janeiro, podendo abrir e instalar Seção ou Sucursal em qualquer estado, mediante Ata de Assembleia ou termo Social pela Diretoria Nacional superior jurisdicionada, conforme a Lei 6.015/73. [...]

Capítulo II

Do Exercício profissional

Art. 15º O livre exercício da profissão de teólogo, em todo o território nacional, somente é permitido ao portador da carteira de identidade profissional expedida pelo Conselho Regional competente.

Parágrafo único: é obrigatório o registro nos Conselhos Regionais das empresas cujas finalidades estejam ligadas à Teologia, na forma estabelecida em regulamento (CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2001, p. 14-17).

A Teologia é uma arte liberal. Sua existência independe da regulamentação oficial. No entanto, tal processo encontra-se em andamento sem a participação dos principais atores interessados: a sociedade, os teólogos e as teólogas.

3. OS DESAFIOS DO PROFISSIONAL DE TEOLOGIA NA SOCIEDADE E SEU MERCADO DE TRABALHO

O que a sociedade espera do teólogo? Essa pergunta deve ser respondida por meio do diálogo, em uma atividade dialética entre a teologia e a sociedade. Toda profissão define-se por meio de um corpo de teorias e práticas que buscam atender as demandas sociais, norteadas por elevados padrões técnicos e pela existência de normas éticas que garantam a adequada relação de cada profissional com seus pares e com a sociedade como um todo. Esse código de ética deve ser referendado pela categoria profissional e pela sociedade, a fim de produzir uma reflexão permanente sobre as responsabilidades pessoais e coletivas do profissional e sob as responsabilidades da sociedade para com este. Não é um conjunto fixo de normas imutável ao longo do tempo. O homem se transforma, a sociedade transmuda-se, as profissões refletem essas mudanças, e isso exige um fórum permanente de debate sobre as condições de exercício de uma determinada profissão. Um código de ética profissional do teólogo deve contemplar alguns princípios fundamentais já consagrados pela ética cristã universal (GOMES, 2007, p. 43-48).

A fim de dar sustentação à sua prática, é necessário firmar um código de ética para o profissional da Teologia. Um código de ética, portanto, é uma explicitação dos princípios éticos de um grupo e sua aplicação na conduta do indivíduo no seio de uma determinada comunidade. À semelhança de outras categorias profissionais, esse código deve nascer da própria categoria, em diálogo com a sociedade onde se insere.

O código de ética da Teologia deve apontar caminhos para desenvolver objetivos altruístas. Podemos parafrasear Milton Nascimento e dizer que *o teólogo vai aonde o povo está (ad tempora)*. A ideia do teólogo como alguém que conhece por meio das suas reflexões produzidas nas torres de marfim do saber teológico não tem lugar na modernidade. O teólogo busca acima de tudo ser alguém que aprende com Deus para servir ao seu povo: “Quanto aos objetivos, são diferentes porque o teólogo, no ato de sua profissão, nunca tem objetivo pessoal” (GOMES, 2007, p. 65). Esses objetivos altruístas devem ser desenvolvidos no espírito de I Coríntios (13:1): “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse amor, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine”. O teólogo percorre com Deus o caminho do povo de Deus, sem preconceito de sexo, raça, religião ou classe social. Deve glorificar a Deus especialmente caminhando com os menos favorecidos, com aqueles que foram empobrecidos e marginalizados pelo mundo dos homens, na sociedade sem Deus, na cidade dos homens.

Registra-se que a prudência de esperar o momento mais propício para uma tentativa de diálogo ou de intervenção não significa instalar-se numa postura relativista e pragmática diante do conflito de interesses dos poderosos que se encontram a serviço da construção da cidade dos homens. As soluções concretas para problemas humanos reais certamente não passam pela ambiguidade. É certo também que o teólogo não se abrigará à sombra de soluções simplistas para os complexos problemas do homem contemporâneo: cada caso é um caso. A Palavra de Deus é um paradigma, não uma camisa de força para o pensamento e a existência humana.

O mundo não deve ser temido nem evitado, deve antes ser percebido como o palco da atuação de Deus na história humana: “Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo

consigo, não imputando aos homens as suas faltas, e nos confiou o ministério da reconciliação” (II Co 5:19). O teólogo deve ter em mente que desempenha uma função profética de testemunho do amor de Deus. Esse testemunho deve ser manifesto não apenas perante o rebanho de fiéis, mas especialmente diante daqueles que, por alguma razão, ainda não foram tocados pelo Espírito Santo para receber o dom da fé e perante aqueles que foram vítimas da maldade dos homens e por isso têm sua fé abalada (GOMES, 2007, p. 66-68).

4. O LUGAR DA TEOLOGIA NA SOCIEDADE

Quando, e se for, superada a discussão sobre a regulamentação da profissão do teólogo, permanece outra pergunta que não quer calar: Afinal, qual é o mercado de trabalho do teólogo? Existe um mercado de trabalho para a Teologia? Essas perguntas afligem os alunos dos cursos de graduação em Teologia, especialmente aqueles que não se sentem vocacionados para o exercício de uma vocação religiosa e ainda não conhecem o campo da Teologia e das Ciências da Religião no Brasil. Curiosamente, a resposta a essas perguntas é: *existe, sim, um mercado de trabalho para o teólogo e um nicho de mercado para a Teologia.*

As universidades confessionais e comunitárias, católicas e protestantes, implantaram, há muitos anos, nos cursos de graduação, um conjunto de disciplinas ligadas à Teologia e às Ciências da Religião: Teologia, Ciências da Religião, Cultura Religiosa e, mais recentemente, Ética e Cidadania. Os professores dessas disciplinas são geralmente formados em Teologia e Ciências da Religião. Nos Estados onde existe o ensino religioso e nos colégios confessionais, o teólogo tem sido empregado para ministrar as disciplinas relacionadas à sua área de atuação: Teologia, Religião e Cultura Religiosa.

Se a Teologia, contida pelas instituições religiosas, vem tendo dificuldade para se abrir para a realidade, esta se volta para ela. De alguns anos para cá, escolas de Teologia com o apoio de suas associações vêm tendo disciplinas por elas ofere-

cidas em seus cursos regulares validadas em cursos superiores reconhecidos. Esse foi e vem sendo um primeiro passo no sentido do reconhecimento da idoneidade de algumas escolas de Teologia por meio do respaldo de suas associações, como consequência da própria Teologia (MENDONÇA, 2007, p. 9).

O credenciamento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e o reconhecimento dos cursos de graduação em Teologia e Ciências da Religião abriram um novo campo de trabalho nas faculdades e universidades confessionais, sem falar nos seminários de Teologia de todos os matizes do cristianismo, que se encontram em processo de adaptação para buscar o reconhecimento do sistema do Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (MEC/Inep). Na pós-graduação, esse processo já está consolidado. Existem onze cursos de pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião credenciados pela Capes, e outros estão em fase de reestruturação para solicitar esse credenciamento e submeter-se a ele. Na graduação o panorama não é diferente. Dos três cursos de bacharel em Teologia reconhecidos até junho de 2003, da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, da Universidade Metodista de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, hoje são 60 cursos reconhecidos pelo MEC/Inep e ou autorizados. Existem mais de 50 pedidos de reconhecimento registrados no sistema MEC/Inep.

Cabe registrar que ainda não existem recursos humanos suficientes para suprir toda essa demanda. Será necessário formar professores universitários para suprir especialmente as necessidades apresentadas pelo surto de crescimento desse setor da graduação no Brasil. Quando consideramos que existem 375 seminários e institutos bíblicos evangélicos cadastrados em La Asociación Evangélica de Educación Teológica en América Latina (Aetal) e por volta de 50 na Associação de Seminários Teológicos Evangélicos do Brasil (Aste), não é ufanismo afirmar que, nos próximos dez anos, o mercado de trabalho para o teólogo e cientista da religião na academia brasileira tende a crescer.

Outro fator que poderá levar à consolidação do teólogo no mercado acadêmico é o seu desempenho como pesquisador. Dados do Documento de Área da Capes referente à subárea de Teologia e Ciências da Religião apontam nessa direção,

posto que a produção científica dos pesquisadores desse campo é considerável:

No triênio de 2001-2003, os dados enviados pelos Programas de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião expressam a consolidação desta subárea já assinalada em documentos de áreas anteriores. O nível de publicações mantém-se elevado, revelando a intensidade da pesquisa na subárea. No triênio temos o seguinte quadro de publicações: 2001 Artigos em periódicos indexados: 273; Livros e capítulos de livros: 219; 2002: Artigos em periódicos indexados: 327; Livros e capítulos de livros: 235; 2003: Artigos em periódicos indexados: 342; Livros e capítulos de livros: 288 (206 capítulos em Coletâneas e 82 Livros completos). Os meios de divulgação da produção acadêmica são em geral de qualidade, tendo muitas das publicações de artigos e capítulos de livros se dado no exterior (CAPES, 2005, p. 1).

As universidades e escolas confessionais e comunitárias também implantaram capelania e pastoral universitária, e mais recentemente tem surgido o trabalho de capelania hospitalar. O trabalho de capelania acadêmica consiste em outro campo de trabalho aberto para o teólogo e o cientista da religião com vocação sacerdotal. Hoje existem capelães militares católicos e protestantes.

Finalmente, registra-se que há teólogos também atuando como profissionais de recursos humanos e no mercado editorial: como escritores, revisores etc.

5. O PERFIL DO ALUNO DE GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Esse perfil (COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO, 2006) refere-se aos ingressos no curso de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no período compreendido entre 2003-2005. Desde a primeira turma que se iniciou com oito alunos, ficou claro que se tratava de uma clientela distinta daquela que normalmente procura um seminário. Então fo-

ram verificados alguns aspectos do perfil socioeconômico dos alunos para explicitar os dados relacionados a sexo, religião, faixa etária, escola onde foi concluído o 2º grau (escola pública ou privada), motivação para cursar Teologia, formação superior universitária, renda familiar e utilização da internet.

Tabela 1 – Estudantes de teologia por sexo

Sexo	2003- 1º semestre	2003- 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Masculino	17	10	12	10	19	35	103	74,7
Feminino	5	5	3	2	8	12	35	25,3
Total	22	15	15	12	27	47	138	100

Tradicionalmente, os cursos de Teologia oferecidos pelos seminários das grandes denominações históricas (católicos, luteranos, presbiterianos, anglicanos, metodistas, congregacionais e batistas) são procurados por homens. O número de mulheres nesses cursos é rarefeito. Os dados da Tabela 1 evidenciam uma novidade: as mulheres correspondem a 25,3% do total de alunos e os homens somam 74,7%.

Tabela 2 – Estudantes de Teologia por religião

Religião	Número	Total	%
Evangélicos	132	132	95,6
Católicos	3	3	2,1
Judeus	1	1	0,7
Espíritas	2	2	1,6
Total	138	138	100

O espaço da Teologia no Brasil sempre foi demarcado pelo aspecto da confissão religiosa. Cada denominação mantém cursos de Teologia próprios, em seminários, para formar a sua liderança eclesial. A entrada da Teologia na universidade mudou essa realidade. A Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie atraiu, no período considerado, majoritariamente alunos evangélicos (95,6%), sendo 30% constituídos de presbiterianos e 70% de pentecostais e neopentecostais, e poucos alunos de outras tradições religiosas (2,1% de católicos, 1,4% de espíritas e 0,7% de judeus).

Tabela 3 – Faixa etária dos estudantes de Teologia

Idade	2003- 1º semestre	2003 - 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Menos de 18 anos	2	0	1	0	0	0	3	2,3
De 18 a 21 anos	2	3	1	1	4	7	18	13,04
De 22 a 25 anos	6	3	5	2	4	8	28	20,2
Mais	12	9	8	9	19	32	89	64,4
Total	22	15	15	12	27	47	138	100

Outro dado importante consiste na idade dos alunos do curso de Teologia da Escola Superior de Teologia: 64,4% têm mais de 25 anos, 20,2% têm entre 22 e 25 anos de idade, 13,04% estão com idade entre 18 e 21 anos, e apenas 2,3% têm menos de 18 anos. Considerando o número elevado de pessoas com mais de 25 anos e o perfil do curso de Teologia (o curso de Bacharel em Teologia ainda não oferece disciplinas voltadas para a formação pastoral), bem como o elevado número de mulheres no grupo de alunos, percebe-se que a vocação religiosa não é o núcleo de atração simbólica para esses alunos. Outras pesquisas deverão ser realizadas para explicitar a motivação desses alunos pela escolha do curso de Teologia e qual o objetivo final buscado para essa formação.

Tabela 4 – Estudantes de Teologia por estado civil

Estado civil	2003- 1º semestre	2003- 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Solteiro(a)	9	9	7	7	9	19	60	43,1
Casado(a)	12	6	6	4	15	24	67	48,2
Separado(a)	0	0	1	0	1	2	4	2,8
Divorciado(a)	1	0	1	1	2	2	7	5,7
Total	22	15	15	12	27	47	138	100

Do total de alunos que responderam ao questionário (139), 67 alunos (48,2%) são casados; 60 alunos (43,1%), solteiros; 4 alunos (2,8%), separados; e 7 alunos (5,7%), divorciados. Esses dados evidenciam que as igrejas de confissão cristã estão assimilando bem o divórcio no campo da formação teológica.

Tabela 5 – Tipo de escola onde concluiu o 2º grau

Tipo de escola	2003- 1º semestre	2003- 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	Total	%
Em escola pública	13	10	9	6	38	60,4
Só em escola particular	9	4	6	6	25	39,7
Total	22	14	15	12	63	100

Quanto ao ensino médio, 60% dos alunos do curso de Teologia concluíram seus estudos em escolas públicas e 39,7% em escolas particulares.

Tabela 6 – Formação superior

Formação superior	2003- 1º semestre	2003 - 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Não	12	4	7	5	12	20	60	43,4
Sim, mas abandonei	7	7	4	4	8	15	45	32,6
Sim e estou cursando	1	2	2	1	0	2	8	5,7
Sim e já cursei	2	2	2	2	7	10	25	18,2
Total	22	15	15	12	27	47	148	100

Outro dado importante sobre o perfil dos bacharéis em Teologia consiste no item formação superior: 43,4% ainda não frequentaram nenhuma faculdade. Outros 32,6% frequentaram algum tipo de curso superior, porém não o concluíram por alguma razão. Enquanto outros 18,2% possuem diplomas de curso superior e 5,7% frequentam outro curso superior enquanto cursam Teologia. Somando o total de alunos que adentraram no curso de Teologia já com nível universitário, temos 56,6%.

Tabela 7 – Renda familiar mensal

Renda familiar	2003- 1º semestre	2003 - 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Até R\$ 1.000,00	6	0	3	4	4	13	30	21,2
Maior que R\$ 1.000,00 e até R\$ 3.000,00	10	10	4	3	12	15	54	38,02
Maior que R\$ 3.000,00 e até R\$ 6.000,00	4	2	7	1	7	12	33	23,2
Maior que 6.000,00 e até R\$ 9.000,00	2	1	1	2	2	3	11	7,7
Maior que R\$ 9.000,00	0	2	0	2	2	4	10	9,8
Total	22	15	15	12	27	47	138	100

Quanto à renda familiar mensal, temos os seguintes dados: 21,2% têm renda familiar de até R\$ 1.000,00; 38,02% possuem renda familiar entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.000,00; 23,2% são oriundos de famílias com renda entre R\$ 3.000,00 e R\$ 6.000,00; 7,7% têm renda familiar entre R\$ 6.000,00 e R\$ 9.000,00; e 9,8% possuem renda familiar maior que R\$ 9.000,00. Desse total levantado, 40,78% têm renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 6.000,00.

Tabela 8 – Meio de transporte utilizado

Veículo utilizado	2003- 1º semestre	2003- 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Veículo próprio	8	9	5	6	15	25	68	49,2
Veículo da família	2	1	1	00	00	1	5	3,6
Transporte coletivo	12	5	9	6	12	21	65	47,1
Total	22	15	15	12	27	47	138	100

Dos 138 alunos que responderam ao questionário, 68 ou 49,2% possuem carro próprio, 65 alunos ou 47,1% utilizam transporte coletivo, e 5 alunos ou 3,6% usam carro pertencente à família.

Tabela 9 – Utilização do computador e da internet

Utilização do computador	2003- 1º semestre	2003 - 2º semestre	2004- 1º semestre	2004- 2º semestre	2005- 1º semestre	2005- 2º semestre	Total	%
Sim, mas não ligado à internet	4	10	4	3	12	15	48	15,6
Sim, ligado à internet	11	11	9	9	21	38	99	32,3
Não usa computador	7	1	3	1	3	6	21	6,8
Endereço eletrônico	15	13	8	10	25	42	113	36,9
Sem endereço eletrônico	7	2	7	2	2	5	25	8,3
Total							306	100

Quanto à utilização do computador e da internet, temos os seguintes resultados: apenas 6,8% ainda não usam o computador, enquanto 32,3% usam-no ligado à internet; e apenas 15,6% usam o computador, porém não conectado à internet. Registramos também que 36,9% dos alunos possuem endereço eletrônico e somente 8,3% não o possuem.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A participação das mulheres em cursos livres de Teologia oferecidos pelos seminários teológicos é rarefeito. Os dados da Tabela 1 evidenciam uma novidade: as mulheres correspondem a 25,3% do total de alunos e os homens somam 74,7%. A entrada da mulher na universidade para estudar Teologia, em médio e longo prazos, deverá ampliar o espectro de participação feminina nos destinos das denominações cristãs e, inclusive, culminar com a entrada dessas mulheres em cargos importantes dos quadros da política denominacional, além de influenciar na composição e na escolha do próprio clero, no universo protestante. Quando se considera que a mulher é tradicionalmente a responsável pela transmissão da linguagem e da cultura, a formação teológica feminina pode renovar todo o sistema religioso e poderá ampliar a participação feminina na construção da Teologia latino-americana.

Outro dado importante consiste na idade dos alunos do curso de Teologia da Escola Superior de Teologia: 64,4% têm mais de 25 anos, 20,2% têm entre 22 e 25 anos de idade, 13,04% estão com idade entre 18 e 21 anos, e apenas 2,3% têm menos de 18 anos (Tabela 3). Considerando o número elevado de pessoas com mais de 25 anos, o elevado número de mulheres, bem como o elevado número de pessoas com formação superior, parece que a vocação religiosa não é o núcleo de atração simbólica para esses alunos. Outras pesquisas deverão ser realizadas para explicitar a motivação desses alunos pela escolha do curso de Teologia e qual o objetivo final buscado para essa formação.

Quando observamos os dados referentes ao tipo de escola onde os alunos do curso de Teologia concluíram o ensino médio, verificamos que 60% concluíram seus estudos em escolas públicas e 39,7% em escolas particulares (Tabela 4). Quanto à renda familiar, do total de alunos pesquisados (138), 23,2% são oriundos de famílias com renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 6.000,00; 7,7% têm renda familiar entre R\$ 6.000,00 e R\$ 9.000,00; e 9,8% têm renda maior que R\$ 9.000,00. Desse total levantado, 40,78% têm renda familiar superior a R\$ 3.000,00. Sendo assim, podemos afirmar que quase a metade dos alunos do curso de Teologia da Escola Superior de

Teologia pertence à classe média, situando-se mais na classe B (Tabela 6). Dos 138 alunos que responderam ao questionário, 68 ou 49,2% possuem carro próprio, 65 alunos ou 47,1% utilizam transporte coletivo, e 5 alunos ou 3,6% usam carro da família (Tabela 8). Esses dados reforçam o perfil socioeconômico desses alunos como de classe média.

Quanto à utilização do computador e da internet, temos os seguintes resultados: apenas 6,8% ainda não usam o computador, enquanto 32,3% usam-no ligado à internet, e apenas 15,6% utilizam o computador sem a conexão. Registramos também que 36,9% dos alunos possuem endereço eletrônico e somente 8,3% não o possuem (Tabela 7).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A regulamentação cartorial da profissão do teólogo não é o problema da relevância desse profissional perante a sociedade e a comunidade onde esse profissional faz a sua teologia.

Alguém disse certa vez que os cientistas ocidentais levaram cinco mil anos para subir as montanhas do conhecimento científico. Quando chegaram ao topo, encontraram os teólogos acampados tomando café. Estes já haviam chegado antes e estavam familiarizados havia mais tempo com as questões que angustiam a alma humana. O povo oprimido que vive no vale, contudo, espera que teólogos e cientistas deem as mãos e não demorem outros cinco mil anos para descer. O tempo urge, e as questões que afligem o espírito humano foram potencializadas pela modernidade.

O desafio do teólogo do século XXI é fazer Teologia com base na postura serena e equilibrada herdada pelos mais de cinco mil anos do fazer teológico judaico-cristão, além de oferecer respostas concretas a perguntas inquietantes que estão sendo produzidas sobre clonagem, criogenia, células-tronco, aborto, homossexualidade, ecologia, exclusão social, desenvolvimento sustentado, suicídio, depressão, ética, política, neoliberalismo tecnológico, desemprego, violência urbana, direitos humanos, respeito à diversidade de raça, sexo e religião. Certamente as perguntas que devem ser formuladas pela Teologia para encontrar as respostas sábias para essas questões não é

arefa de um único teólogo, mas de toda uma geração de teólogos e teólogas.

O reconhecimento oficial da Teologia pela academia brasileira no âmbito da graduação e pós-graduação, a criação de dezenas de faculdades de Teologia, o reconhecimento de outras dezenas de cursos de Teologia de seminários e a disseminação das Ciências da Religião na produção científica que essa massa crítica está produzindo certamente contribuirão para apressar o oferecimento de perguntas sábias que gerem respostas congruentes para o conhecimento do homem comum em sua vida cotidiana sobre assuntos que sejam relevantes para a sua existência.

A Teologia passa a encontrar abertas as portas da universidade, onde poderá ocupar seu lugar legítimo. Liberta dos limites da domesticidade funcional das igrejas e dos grupos religiosos, ela ganhará espaço no mundo do pensamento livre e voltado à realidade histórica. A liberdade acadêmica não estará sujeita aos círculos dogmáticos que muitas vezes diminuem os espaços do pensamento teológico criativo. Os estudantes de Teologia terão também a oportunidade de conviver com outras áreas do conhecimento, que ampliarão seus horizontes e lhes permitirão construir uma visão crítica da relação entre a Teologia e outras formas de pensar o mundo (MENDONÇA, 2007, p. 7).

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. F. dos (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Soter, Loyola, 1996.

ANJOS, M. F. dos et al. Ciclo básico em teologia: uma experiência católica no Brasil. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Soter, Loyola, 1996.

ASSOCIAÇÃO DE SEMINÁRIOS TEOLÓGICOS EVANGÉLICOS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.aste.org.br/FrameSet_boletim.html>. Acesso em: 30 mar. 2006.

BARTOLI, J. Teologia e profissionalização: o teólogo como profissional. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Soter, Loyola, 1996.

BOFF, L. *Igreja, carisma e poder*. São Paulo: Ática, 2005.

CAMARGO, L. *Guia do estudante: como escolher um bom curso e virar um profissional dez*. São Paulo: Abril, 2001.

CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 3.860 de 9 de julho de 2001.

_____. Subchefia para Assuntos Jurídicos, sob a sigla SAJ nº 2526/2003, a solicitação do Conselho de Teólogos. 2003, p. 1-2.

CASA DO TEÓLOGO DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.casadoteologo.com.br>>. Acesso em: 22 dez. 2005.

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO. *Comparação de perfil de ingressos no curso de teologia respondido pelos alunos calouros entre 2003 e 2005*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, fev. 2006.

CONSELHO FEDERAL DE TEOLOGIA. Disponível em: <<http://www.cft.org.br>>. Acesso em: 28 mar. 2006.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Documento de área. Triênio 2001-2003. Disponível em: <<http://capes.gov.br/capes/portal>>. Acesso em: 22 dez. 2005.

DICIONÁRIO DAS PROFISSÕES. São Paulo: Ciee, 1983.

DUSSEL, E. et al. *História da teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GOMES, A. M. de A. *Teologia, ciência e profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

GUIA DO ESTUDANTE. Vestibular. São Paulo: Abril, 2006.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LA ASOCIACIÓN EVANGÉLICA DE EDUCACIÓN
TEOLÓGICA EN AMÉRICA LATINA (AETAL).

Disponível em: <http://www.sel.edu/_xyz/aetal.htm>. Acesso em: 30 mar. 2006.

LUTERO, M. *Ética, fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia*. Tradução Walter Schlupp, Ilson Kayser, Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1995. v. 5.

MENDONÇA, A. G. Currículo teológico básico. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Soter, Loyola, 1996.

_____. Histórico da Área de Ciência da Religião no Brasil a partir do Credenciamento da Área pela Capes. In: *Proposta do Programa em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie enviada a CAPES*. 2002. p. 2.

_____. Ciências da Religião: de que mesmo estamos falando? Aula inaugural proferida na Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2003. p. 3.

_____. Apresentação. In: GOMES, A. M. de A. *Teologia, ciência e profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

PORTER, T. Memorandum sobre a concessão de diplomas para a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil. In: MOURA, P. V. *Escola de pastores, elite intelectual e presbiterianismo*. Apresentação Antonio Paim. Londrina: Editora da UEL, 2001. p. 148-149.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO. Disponível em: <www.soter.org.br>. Acesso em: 10 fev. 2004.

REVISTA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, HISTÓRIA E SOCIEDADE

Projeto Gráfico e Capa

LIBRO Comunicação

Diagramação

LIBRO Comunicação

Formato

18,0 x 24,0 cm

Tipologia

Garamond e Rubino Sans Fill

Número de páginas

233